



GENTE BOA

CLEO GUIMARÃES (interina)

Dramin urgente

• A equipe de limpeza do teleférico do Complexo do Alemão trabalhou arduamente anteontem, em seu primeiro dia de funcionamento para o público. Faxineiros foram chamados às pressas para limpar o vômito numa das gôndolas, de uma mulher que enjoou. Em seguida, cortaram um dobrado para tirar a pichação de um vândalo.

É o fim do mundo

• Quando você pensa que já viu de tudo no mundo dos famosos, eis que surge o "cachê de tuitada". Celebidades e subcelebidades faturam até R\$ 1 mil por comentário que publicam em seu twitter, citando, como quem não quer nada, alguma marca. Exemplo: "Acabei de jantar na churrascaria tal...".

É o fim do mundo/2

• Dependendo do número de seguidores, o preço sobe. Uma ex-BBB com um milhão de seguidores pede R\$ 10 mil pela tuitada. Há quem pague.

Bueiro que dá trabalho

• A Light está recrutando funcionários aposentados para tentar dar conta do excesso de trabalho que surgiu desde que os bueiros da cidade começaram a explodir.

O caso do elevador

• A empresa contratada pela antiga administração do Palácio Capanema para fazer a manutenção de seus elevadores acaba de conseguir na Justiça a suspensão da substituição dos tais elevadores — que vivem quebrando.

Aliás e a propósito

• O serviço, no valor de R\$ 4,6 milhões, já tinha sido licitado pelo Iphan, que vai recorrer da decisão. O órgão é responsável pelo tombamento do belíssimo edifício, em 1948.

Brasil de novela

Na Flip para lançar "A máquina de fazer espanhóis", o português valter hugo mãe — a essa altura você já deve estar torto de saber que o nome dele é todo em minúsculas mesmo — falava sobre sua admiração pelos nossos cantores e pela cultura brasileira em geral. "Estou contendo-me para não atacar Elza Soares", brincou.

• "Chorei quando morreu Renato Russo. Só senti a mesma coisa com a morte de Kurt Cobain". O escritor dizia que, em seu país, "chega muita informação sobre o Brasil pelas novelas". Ele é crítico em relação ao conteúdo. "Sei que é um produto higienizado e um pouco racista". Para valter, "o Brasil é mais misturado do que as novelas mostram".

• E o que tem de português vindo tentar arrumar emprego aqui... Ele, claro, já reparou nisso. "O Brasil voltou a ser destino favorável para quem procura trabalho", observava. Valter diz que, em seus 12 anos de idas e vindas ao país, deu para perceber que muita coisa mudou por aqui. Para melhor. "Eu ficava hospedado na Ilha da Conceição, em Niterói, e tudo ao redor era pobre. Hoje, vejo as pessoas mais desafiadas financeiramente".

• Ao se encontrarem no meio da rua, hugo mãe (que usa o nome em minúsculas porque "não falamos gritando") e o escritor argentino Andrés Neuman, autor de "O viajante do século", engataram o maior papo, sentados num carrinho de malas de uma pousada no meio da rua. (M.F)



FLÁVIA LINS e Silva rodopia pelo salão com o editor americano Erroll McDonald, o maior pé de valsa desta Flip

E não é que eles dançam bem?

Escritores e editores mostram outros talentos em Paraty

O crítico e editor americano Erroll McDonald, da Pantheon Books/Randon House, se revelou o maior pé de valsa na festa da Companhia das Letras, quinta-feira, no Café Margarida. Elegante, de blazer e sapato social, Erroll batia palmas no ritmo do samba tocado pela Banda Glória: "A vizinha quando passa com seu vestido grená/ Todo mundo diz que é boa, mas como a vizinha não há".

• "Amo música brasileira, meu preferido é Martinho da Vila." Todo cavalheiro, ele tirou a agente literária Lucia Riff e a editora Lilia Schwarcz para dançar juntinho, além de rodopiar a autora Flavia Lins e Silva pelo salão, ao som de "Amor proibido", de Cartola. Quem também sacudia, todo animado na pista, era o colombiano Héctor Abad, autor de "A ausência que seremos".



HÉCTOR ABAD: colombiano dança com a filha Daniela

• Abad se mostrou muito bem informado sobre o Brasil. Além de citar João Gilberto e Elis, mostrou estar por dentro até do atual perfil "legalize it" de FHC. Ao ser perguntado se a experiência no combate ao narcotráfico em Medellín serviria para cá, mandou essa: "Como defende Fernando Henrique, não há solução para esse problema enquanto não legalizarem as drogas."

• Agarrado à caipirinha de maracujá ("ainda estou na primeira, mas vai ter segunda, terceira..."), Abad contava que apoia Dilma. Ele acha que, politicamente, os brasileiros têm do que se orgulhar. "A esquerda do Brasil é um exemplo, ao contrário da esquerda do Hugo Chavez na Venezuela". (Maria Fortuna)



O ENCONTRO de valter hugo mãe com o argentino Andrés Neuman

COM MARIA FORTUNA E FERNANDA PONTES • Joaquim Ferreira dos Santos volta no dia 12 de julho • E-mail: genteboa@oglobo.com.br

O príncipe

• José Mariano Beltrame é o mais disputado dos "príncipes" do baile de debutantes do Morro da Providência. O secretário de Segurança é um dos policiais que vão dançar valsa com as aniversariantes da comunidade. A festa coletiva vai ser — chiquíssima — no dia 20 de agosto, no Museu Histórico Nacional.

Solta o pancadão, DJ

• O funk terá um programa diário com uma hora de duração, na Rádio Nacional. Vai ser a partir do dia 25, com apresentação do MC Leonardo, presidente da Associação dos Profissionais e Amigos do Funk.

Final feliz

• O menino do São Bento que foi vítima de bullying e agredido por alunos mais velhos já está matriculado em outra escola tradicional da cidade. Adaptou-se rápido. "Optamos por um ensino de qualidade, mas com princípios", diz a mãe do garoto, Viviane Azevedo.

Alegria do povo

• Bem na hora em que o futebol feminino parece que vai deslanchar no país, o Fluminense anuncia, sem dó nem pena, o fim de sua escolinha para as meninas. Jogadoras bateram panela e fizeram apitação na porta das Laranjeiras, na sexta-feira.

'O Rio é caro demais'

• Você já deve ter ouvido falar que o chef paulista Alex Atala, dono do 7º melhor restaurante do mundo, vai abrir uma casa no Rio. Vai mesmo? Luciana Fróes bateu um papo com ele e botou tudo em pratos limpos.



• Afinal, você vai abrir um restaurante no Rio ou não? ATALA: Adoraria. Mas, infelizmente, eu não consigo...

• Por que não? ATALA: Porque é caro. Me interessei bastante por um ponto na Dias Ferreira, onde era a pizzaria Pronto. A quantia que o donos me pediram era simplesmente impagável. O Rio tem uma prática que não existe em São Paulo: a de cobrar pelo ponto. É uma fortuna!

• Então é para esquecer Alex Atala aqui no Rio? ATALA: Bem, a turma do Fashion Mall está na minha cola. É a terceira vez que me convidam para abrir um espaço no shopping. Eu recuso, mas eles insistem.

Ih, sujou! • Continuação da página 1

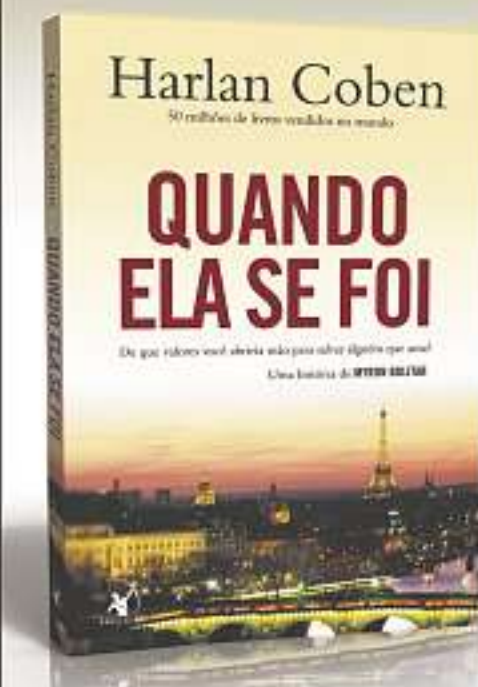
As presenças na Bienal de São Paulo e na Fundação Cartier, em Paris, tiveram um efeito transformador em Djan Cripta, mas, segundo ele, não o domesticaram.

— Ir a esses eventos mudou a minha visão de mundo e minha própria percepção da pichação, uma manifestação cultural tipicamente brasileira — reconhece ele, que assume a rivalidade com outra forma de arte urbana, o grafite. — Mas a gente não quer acabar como os grafiteiros, que passaram a trabalhar com dinheiro da elite. A pichação vai ser sempre agressiva, marginal. São 3h. Tokaya já está no voo entre o segundo e o terceiro an-

dares do prédio, quando Cripta avista um homem que parece ter ido chamar a polícia. Ele grita "sujou!" para o pichador, que desce rapidamente e sai correndo. Mais tarde, numa rua próxima, os dois se reencontram. E Tokaya reclama furiosamente com Cripta sobre o alarme, que se revelou falso.

— Eu não podia arriscar a sua integridade, Tokaya — defende-se Cripta. — Além disso, estava muito perigoso mesmo. Você podia cair. Não quero registrar uma tragédia no meu filme. ■

O GLOBO NA INTERNET
VIDEO Veja os trailers de "Marca das ruas" e "Luz, câmera, pichação"
 oglobo.com.br/cultura



Do que você abriria mão para salvar alguém que ama?

O novo livro de Harlan Coben, o mestre das noites em claro. 50 milhões de livros vendidos no mundo.

Myron cruza o Atlântico para ajudar Terese a desvendar o assassinato do ex-marido e o destino da filha que ela achava estar morta. Não é a primeira vez que ele deixa tudo para trás para ir em socorro de alguém.

Em *Quando ela se foi*, você vai conhecer Myron Bolitar, o personagem que rendeu diversos prêmios a Harlan Coben.

R\$ 24,90 • 256 páginas • www.editoraarqueiro.com.br